

Vida

ANO I—N.º 14—21 DE AGOSTO DE 1941—PREÇO: 1 ESC.



MUNDIAL

Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES



CASCAIS, a linda vila e praia que pretende ser elevada à categoria de cidade. (Foto do grande artista J. Kirchner, especial para «Vida Mundial Ilustrada»).

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º Lisboa Telefone 25844

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNANI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
MANUEL L. RODRIGUES

DR. AMÉRICO DURÃO
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUBEIRO BOTAS
AUGUSTO FERREIRA GOMES
F. CARVALHO HENRIQUES
BRAMÃO DE ALMEIDA
Etc.

UM PARADOXO DE OSCAR WILDE

Oscar Wilde e a Inglaterra puritana foram sempre antipodas. Irlandês por nascimento, medularmente artista, o espírito rebelde de Wilde encontrou, no ataque a uma sociedade preconceituosa, um filão que lhe deu uma obra imortal. A luta foi desigual. E o pobre e genial Wilde acabou por seu vencido. Enredado num processo escandaloso, que abalou a sua reputação, morreu, em França, exilado, esquecido, pobre e desgraçado.

Tinha, o escritor genial, o culto do paradoxo. O culto e até o snobismo. Comprimia-se, sempre que podia, em «épater le bourgeois»...

Lembra-nos, agora, um dos seus paradoxos mais famosos: «a Vida copia a Arte». Muitos dos que o leram, encolheram, certamente, os ombros, com ceticismo, convencidos de que a Vida não copia, de facto, a Arte.

Puro erro. A Vida copia a Arte. E, em especial, desde que o cinema adquiriu, tecnicamente, grande poder de expressão e se tornou universal.

Um filme que se faz em Hollywood dá, em regra, a volta ao Mundo. Todas as raças, todos os países, todos os povos o vêem, e são por ele influenciados.

Um homem, quanto mais consciente mais impervelvel se torna às influências externas. Guia-se pelas suas próprias razões e não lhe fazem moega as dos outros. E este conceito aplica-se, de igual modo, a um povo.

Mas os homens de cultura precária e os povos de civilização rudimentar suggestionam-se com grande facilidade. Um filme é capaz de modificar. Quasi insensivelmente sentem-se tentados a imitar o que vêem. Fazem, dum rôto de celulóide, uma Bíblia, — pelo menos, a sua Bíblia.

Estas considerações nasceram duma conferência feita, há tempos, no São Luis, por Ferreira de Castro.

Contou-nos ele, através da sua viagem pelo Iraque, a visita que fez a um «cheik». Descreveu-nos essa figura de oriental com o seu poder de observação, um pouco atenuado pela sua grande e larga simpatia humana, que lhe vedou o recurso da ironia, mesmo para com os poderosos, que ele detesta por muito amar os humildes.

Só concluíamos o «cheik» através dos filmes. E o «cheik» com quem ele falou, era uma personagem de película.

Ironia de Ferreira de Castro? De nenhum modo. Os «cheiks» procuram assemelhar-se à imagem que deles nos oferecem os filmes. E daí o já não haver, talvez, um «cheik», um único «cheik» que não pareça vedeta de Hollywood.

Este exemplo chega para comprovar o paradoxo de Wilde. E ainda bem que assim acontece, pois o espaço não nos permite apresentar outro...

CRISTIANO LIMA

PORTUGAL 1941

crónica por Alice Ogando

QUANDO CANTA A COTOVIA



Tôda a gente gosta de passar o verão em qualquer parte, é uso, é agradável, é principalmente bem, mesmo quando se está mal. Além disso, uma vilegiatuzinha é muito recomendável a todos aqueles a quem uma vida intensa de trabalho — ou de descanso — esgote.

Repouso! Ar livre! Paz! Eis a trindade tentadora.

Também eu quis o meu quinhão de repouso e, como não me é possível ir e não quero ficar, resolvi o problema passando o verão... no combóio.

Não é repousante talvez, mas tem os seus encantos, goza-se mais intensamente as horas calmas, os minutos de férias.

Já a própria viagem é um símbolo.

Entra a gente no túnel e sente a pesada sensação do trabalho, dos deveres, da vida real. Ele passa, a claridade ardente do sol cega-nos, inundá-nos, e a sensação de repouso vem. Então, bebe-se avidamente a alegria de viver, a paisagem é um verso fresco que nos sôa aos ouvidos, inundando-nos uma indissolvel sensação de paz. Gosto.

Depois, outra vez um túnel mais pequeno, e de novo o descanso: Sintra, as suas serras, o seu encanto, a melancolia das suas árvores velhinhãs.

É evidente que não lhes vou falar do mágico encanto de Sintra, para isso dou a palavra a «lord» Byron.

Ái chegada, recolho-me à sombra tranqüila e doce das árvores de uma quinta, e o meu espírito, em completa calma, entrega-se à contemplação das coisas simples: as flores, os animais, a vida.

Pois foi aí, à sombra de uma figueira frondosa, estendida em confortável cadeira de lona, que me senti de súbito arrebatada e transportada ao tempo em que ainda falavam os animais como a gente.

A culpa teve-a o senhor «Nino», um cão pesado e despota, que, numa grande cerca destinada à criação — o mundo dos bichos, como lhe chamam — safu do seu lugar e resolveu alvoroçar tôda a vizinhança, entreteu-se a pisar, entre as patas sapudadas, pintalinhos indefesos, arrazando tudo, tirando do bico dos franginhos os vermes que a mãe galinha amorosamente lhes procurou.

O sr. «Nino» quer a cerca tôda para si; e assim, tudo esmaga, porque se sabe pesado, forte, aniquilando aquilo que se opuser ao seu desejo. Ao princípio desta luta, o galo, num

galhardo gesto de bravura, ainda saía em defesa das consortes, dos filhos, da capoeira devastada, soltando energícos «côcorôcô» e afiando os esporões.

Afastei os olhos do quadro com um sorriso triste, e como vou ali agora repousar e não para filosofar, desviei-os para quadro mais risonho.

E, logo com essa lamentável atracção para a tristeza que nos ensinou a cantar o fado, voltei-os, momentos depois, de novo para aquele campo de manobras. E vi, com assombro, pactuando já com o inimigo, não só o galo de crista rubra, inclinada para a direita, cedendo o seu lugar, a sua capoeira, mas — e isso confrangeu-me — também as galinhas em atitudes aliciantes, cacarejando amorosamente, fazendo reluzir as penas diante do inimigo, erguendo para ele olhares languídicos, para conseguirem, míseras e mesquinhas, um lugar na ocupada malga das sêmeas.

E, nessa altura, eu vi passar uma sombra de desdem no olhar torvo do «Nino», enquanto se afastava para as deixar misericordiosamente viver. Está provado que a fêmea não deve ser um animal humilde, por muito galinha que seja...

Ao ver as espôsas emparradas pelo grande senhor, o galo soltou um novo «côcorôcô» que tinha agora o som lúgubre de um grunhido.

As galinhas continuavam cercando o cão, enquanto na garganta rouca de um pato mudo, solitário, distante, se formava uma frase só: «Ah! que se eu pudesse falar!».

Mas logo «Nino» foi meter o nariz na água pura dos patos, para em seguida, desviado de ousadia, investir para as coelheiras. Não pôde entrar — era grande de mais — mas, impiedoso, fez ir tudo pelos ares, e os coelhinhos, loucos de assombro ante o monstro rosado, corriam em tôdas as direcções, lançando um S.O.S. com as suas orelhas trêmulas.

Fleumáticos, no seu imenso lago, os cisnes brancos desafiavam «Nino», na sua ilha insupugnável. «Aqui não entra». Justamente o poderoso animal rondava, olhando o lago alto, medindo o salto...

Certa raposa matreira, surgiu, de repente, no alto de um monte, soltando um uivo agudo, desgarrado. Desviei a vista na direcção do trágico ruído. Nos olhos verdes e obstinados do animal, fitando «Nino», Senhor da cerca — aquele mundo de tôda a criação — lia-se um desafio.

Sózinho, encolhido, o pato mudo — cronista daquela luta — continuava a ter pena de não poder falar.

Na ramada mais alta de uma acácia florida, uma cotovia soltava trinado de amor, hinos à vida, orações ao sol, ave penquinina, alegre e louca que, sem temor, cantava, cantava, cantava! Minha linda cotovia, canta, canta

porque o céu que cruzas é português, e como o sonho, é tesouro lírico da raça, canta cotovia, canta, embala-nos o repouso do corpo, porque o do espírito — ai dêle! — já não se pode embalar com cantigas.

Cotovia linda, canta, és poeta, canta cotovia. Eu sou portuguesa, sonho.

A POESIA E A REVISTA



«Zé dos Pacatos» é um título que diz pouco, quasi nada. Uma revista mais, pensa-se.

Calcule-se o nosso assombro quando, ao levantar o pano, chegamos até nós versos que sabem a campo, a rosmarinho, rubros como beijos, ternos como promessas de namorados! E, a seguir, fresco, humano, arrancado a um livro imortal de Eça, aparece-nos «Jacinto», o da «Cidade e das Serras», ouvindo cantar, fremente de entusiasmo, um hino à vida e à Terra — em português.

Evocar uma personagem de Eça de Queiroz num quadro nacional, deve ser a maior homenagem a prestar, hoje, ao autor do «Primo Basílio»...

Garante-se que a unidade, a harmonia, a literatura, enfim, é acessório inútil numa revista.

Oliveira Guimarães prova o contrário, o público aplaude, nós aplaudimos, êle estregaria a barriga de contentamento (se o tivesse), porque é sempre bom ter razão, principalmente nós, que temos quasi sempre tão pouca!

Quantas vezes o espírito de Eça pairando, por exemplo, sobre qualquer círculo que tenha o seu nome, ouvindo falar, ler, escrever e contar em francês, não dirá com os botões do seu espírito sempre vivo: «Valha-me aqui o Zé dos Pacatos». E se a voz vibrante do autor do «Mandárim» pudesse, em muitos momentos, chegar cá abaixo, sobre a nudez forte das suas palavras, êle não poria — juro-o — o manto diáfano da fantasia.

SANTOS E MÁRTIRES



Roma anuncia com tôda a solenidade, a canonização do beato João de Brito.

O apóstolo de Maduré tornou-se um santo mais, pronto a escutar as súplicas dos crentes e a interceder por êles junto de Deus.

Consagrou êste homem a vida inteira à Verdade, e por ela morreu.

(Continua na pág. 12)

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11\$00; 6 meses (24 números) — 22\$00; 12 meses (48 números) — 43\$00. — África: 12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65\$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80\$00.

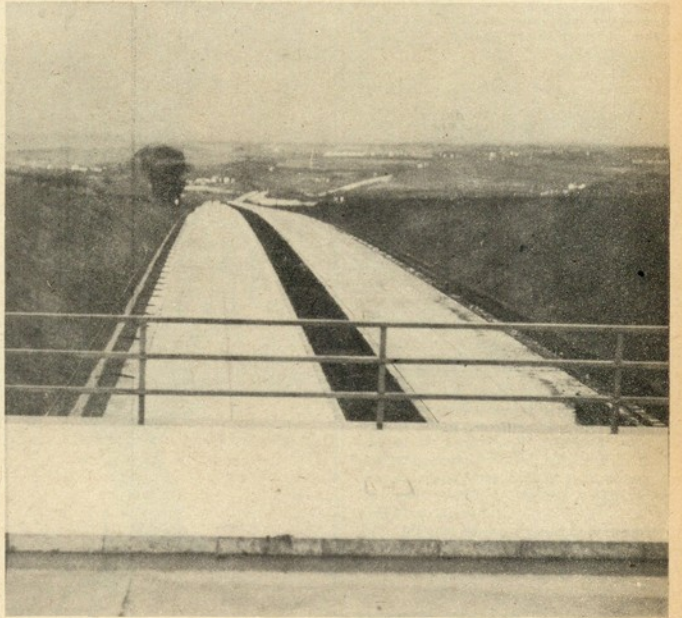
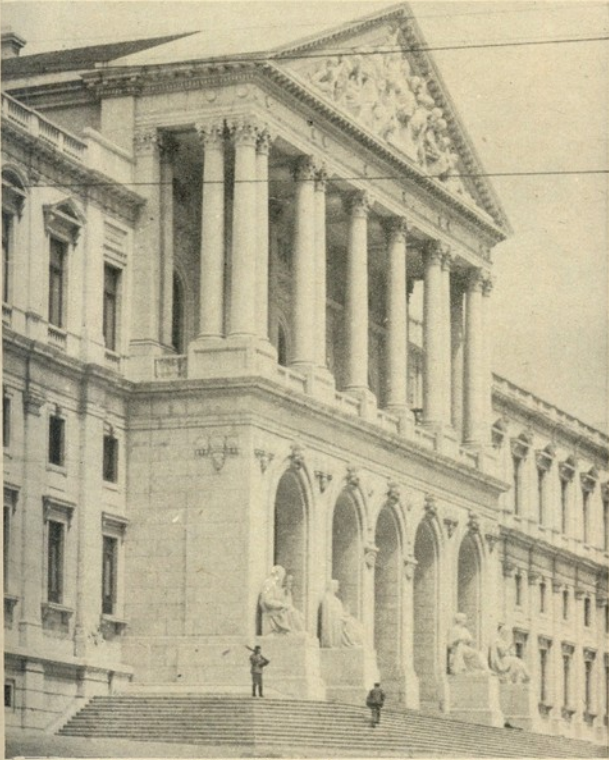
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

Em Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.^o Telef. 2 6942 — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

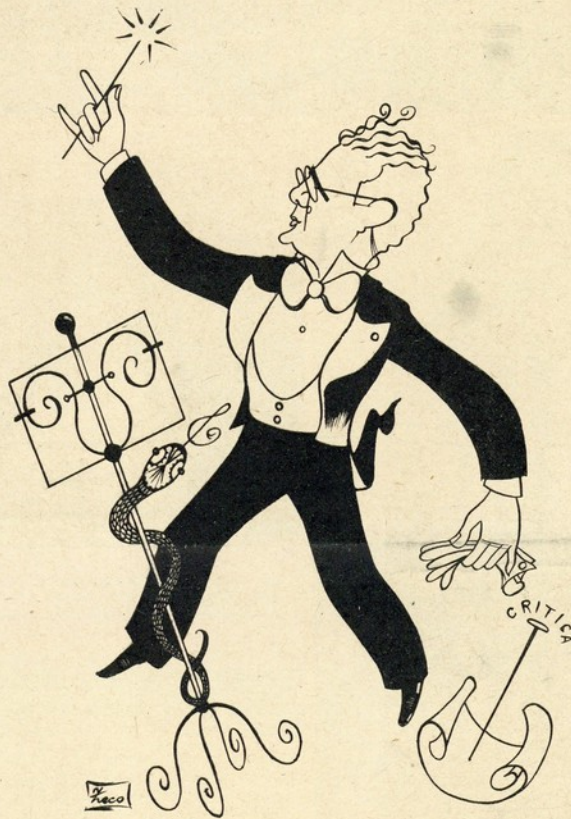
LISBOA NOVA



EM CIMA: O novo edifício da Casa da Moeda que foi agora entregue ao Ministério das Finanças. À ESQUERDA, em cima: O novo aspecto da fachada do majestoso edifício do Palácio da Assembleia Nacional. EM BAIXO: Um dos mais pitorescos recantos do Jardim da Estrêla, depois dos notáveis melhoramentos que lhe foram introduzidos. À DIREITA: Uma visão do que virá a ser a grande auto-estrada Lisboa-Cascais, através de duas expressivas fotos.

CALÇADA DA GLÓRIA

COELHO COM BATUTAS



Mal Ruy Coelho nasceu, logo duas fadas surgiram, envoltas nas suas túnicas, para fadar o menino.

— Tu serás virtuoso, Ruy! — disse uma.

— Ruy, tu serás temerário! — exclamou a outra.

A primeira, deu-lhe uma batuta; a segunda — um bengalão.

Eis, em meia dúzia de palavras, a história dum destino. Quem tiver seguido a existência agitada e, sem dúvida, gloriosa, de Ruy Coelho, não deixou certamente de encontrar, mais do que uma vez, esse bengalão assombradíssimo — e essa batuta infatigável. E — caso curioso — aquilo que, à primeira vista, nos surge como uma estranha contradição, é afinal neste homem a coisa mais natural do mundo. Se foi possível harmonisar êstes dois sistemas aparentemente irreconciliáveis — a música e o cacete — essa harmonia realizou-a, com a mais requintada das bravuras, o espírito, ao mesmo tempo musical e revolucionário, de Ruy Coelho. Espécie de D. Quixote da melodia, espécie de Chopin do inconformismo, dá-nos a imagem, de certo modo exacta, dum esguio atleta do ritmo. A sua obra é um reflexo da sua vida. A sua vida é uma expressão da sua música. Incontestavelmente, é uma personalidade. Há trinta anos que colecionava as pedras que lhe têm atirado — para com elas construir, êle próprio, a sua estátua... Não é preciso dizer mais.

NÃO SE PODE DIZER MAIS!

TRANSCREVEMOS êste trecho dum programa de festejos realizados há dias em Penela por iniciativa da Câmara: «As 22 horas e 30, dará entrada no Pavilhão o Rancho Regional «Os Simpáticos Matulões», onde tão lindas moçoilas e pernaltudos rapazes pela primeira vez exhibirão os seus folclóricos cantares, dançando aerodinamicamente as mais pirotécnicas, fosfóricas e esquisitas canções».

O CONDE DE FARROBO

FARROBO, cuja figura deve considerar-se das mais representativas entre as que formaram a plutocracia romântica, repetia, com freqüência, aos seus amigos êste desabafo lapidário: — Levei quasi tôda a minha existência a atirar oiro às mulheres. Quando me voltava para as apanhar — era mais do, que certo que já lá não estavam nem as mulheres, nem o meu oiro...

PAPAGAIOS

CONTA Alberto Bramão: — Por alturas da Revolução de fevereiro de 1927 havia em certa rua do bairro da Estefânia dois papagaios que, vivendo em prédios fronteiros, passavam os dias a tagarelar. Com os primeiros tiros da revolução emudeceram. Quando a revolução terminou e se restabeleceu o sossêgo, os bichos recuperaram a fala, mas durante os primeiros tempos só diziam, de bico murcho, imitando os tiros:

— Pum!
— Pum!

UM LINDO ENTÉRRO

O escritor espanhol D. José Maria Salinas residente em Lisboa, acaba de publicar um volume — *Paisajes y mujeres* — no qual vemos incluídas quatro apreciações críticas sobre o livro, firmadas por quatro escritores espanhóis ilustres. A êste respeito escreve o *Diário de Notícias*: «Esta original maneira de trazer um livro à luz, levado por quatro amigos, como por cá é costume fazer para conduzir um morto à sepultura é um dos muitos e graciosos impavistos que a gente topa neste belo livro».

Aqui está o que se chama ironicamente um lindo entêrrro. É caso para o autor dizer, em puro castelhano:

— Lagarto, lagarto!

TEATRO

SHAKESPEARE surgiu, há pouco, em Palhavã, com o *Sonho duma noite de verão*. Vai, em breve, surgir no Apolo, com a revista *O bairro da Mouraria*. Sim, porque a revista é da autoria de Mário Shakespeires...

CEPTICISMO

DUAS pessoas conhecidas — todos nós somos pessoas conhecidas, pelo menos da família e dos credores... — escreveram uma peça que entregaram a Alves da Cunha para a sua próxima temporada. A alguém que perguntava o que vinha afinal a ser a referida peça, um dos autores respondeu, num vago cepticismo:

— Uma peça... sobresalente!

MIRITA-VASCO

MIRITA Casimiro e Vasco Santana casaram agora em Sintra — mas ao contrário.

Quere dizer: Quando tôda a gente casa em Lisboa e vai, em geral, passar a lua de mel a Sintra, êles casaram em Sintra e vieram passar a lua de mel a Lisboa...

DIÁLOGO

— **S**ABES, mulher, porque te amo?
— Calculo.
— Enganas-te. Amo-te, porque te não conheço...

A SOGRA DE ADÃO

A sogra de Adão chamava-se Serpente. A árvore do Pecado era a sua árvore genealógica.

MULHERES

RAUL Brandão, na sua viagem aos Açores, conheceu nas Lages um tipo curioso que fazia canoas e se chamava o *Chatinha*. Era filósofo. Uma tarde, dizia ao escritor:

— Eu cá por mim não faço nada sem consultar primeiro a minha mulher. Oigo sempre aquela santa. Ainda outro dia tinha de fazer um barco. — «Ó mulher, faço um barco ou uma canoa?» — «Faz uma canoa» — respondeu ela. Vai daí, fiz um barco.

E concluiu para Raúl Brandão:

— A gente deve consultar sempre as mulheres — para fazer o contrário do que elas dizem. Vossa Senhoria, não acha?

VERDE-GAIO

UM dos novos bailados que Francis vai ensaiar, no seu grupo, tem por motivo estes dois versos conhecidos:

O verde-gaio é meu
Não o dou a mais ninguém...

A POMBA

UMA vez, uma senhora, conversando com o actor Estêvão Amarante, disse-lhe que o seu maior desejo seria êste: Ser pomba. E, ao mesmo tempo, perguntou-lhe:

— E você, o que gostaria de ser?

Logo Amarante respondeu:

— Um pistolão.

JUDEUS?

COM tão infatigável brilho o dr. Norberto Lopes, chefe da redacção do *Diário de Lisboa* e nosso querido amigo, fez, no seu jornal, o reclame da peça *Israel*, de Henri Bernstein, que já por aí dizem que êle, embora nascido em Trás-os-Montes, tem costela judeica. Má língua. Só uma coisa é certa: é que o dr. Norberto Lopes, gloriosamente contaminado pelo autor da peça que tão brilhantemente traduziu, passou a assinar-se:

— Norberto Lôpestein!

FILOSOFIA

NA vida os verdadeiros filósofos — tomam nota — são aqueles que não se preocupam com a filosofia da vida.

FÔRÇA DE EXPRESSÃO

LUIZ Pastor de Macêdo, espírito de fina erudição, no seu recente volume *Tempos que passaram*, faz-nos a história da Rua da Madalena. A propósito dos incêndios de que esta rua tem sido teatro, transcreve a nota de certo informador na qual é referida a morte dum tal senhor Palhares, nestes termos... «da queda resultou ter perdido a vida sem tempo para exalar o último suspiro».

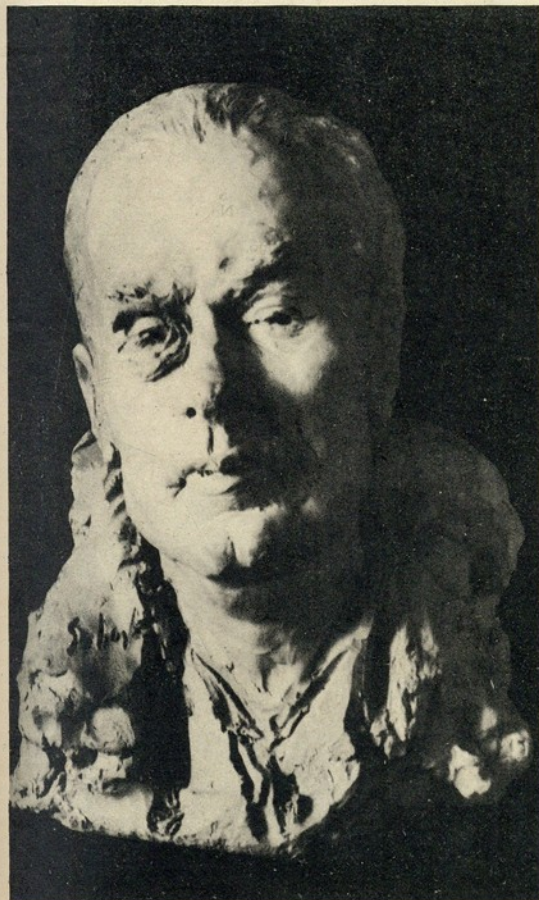
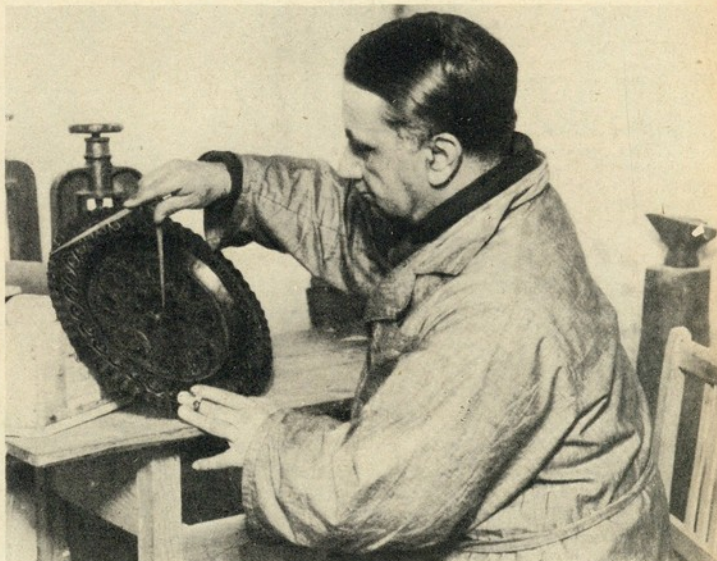
Completo.

PRIVAÇÕES

VIVER de privações será uma forma de viver — ou de morrer?
Luís S. Oliveira

ABEL SALAZAR

talento multiforme



ABEL SALAZAR, médico, sábio histologista, cujo nome científico ultrapassou fronteiras, antigo professor da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, autor de numerosos trabalhos fundados em estudos seus e em investigações valiosas, é, nas letras e nas artes, talento multiforme que impressiona, sempre em constante renovação, em aperfeiçoamento de métodos. Pintor e gravador, magnífico nos óleos e nas aguarelas, pujante nos carvões, subtil nas águas-fortes, extraordinário nas gravuras em madeira, fizeram êxito retumbante as suas últimas exposições realizadas em Lisboa e no Porto — verdadeiros acontecimentos artísticos para o nosso meio. Prosador de belas qualidades, filósofo, os seus livros de impressões de viagem e de crítica de arte ficam na nossa literatura contemporânea como obras de indiscutível valor, a atestar uma delicada personalidade de esteta e humanista. Agora, porém, Abel Salazar apresenta-se-nos em novas modalidades artísticas — novas facetas do seu talento multiforme. São elas a escultura e a cinzelagem. O sábio, o escritor e o pintor aparece-nos nesta página em dois instantâneos tirados no seu gabinete de trabalho. À esquerda, em baixo, uma das suas primeiras esculturas: Um busto do sr. dr. António Joyce que se destina ao Jardim-Escola João de Deus, de Coimbra, e que é uma magnífica e verdadeira obra-prima no género.

na Frente Oriental



O GENERAL ANTONESCO, «Condutor do Estado» romeno e comandante das forças germano-romenas que actuam no sector do sul da frente oriental, desloca-se ao campo de batalha para observar os movimentos das tropas.



UM GRANDE «COMBÓIO» DE TROPAS MOTORIZADAS «ALEMÁS» avança, com uma fila interminável de veículos, ao longo duma das estradas que conduzem à «frente».



UM SOLDADO INSPECCIONA, com precaução, um dos fortins da Linha Estaline posto fora de combate e depois conquistado pelas forças de choque alemãs. O fortim, construído em cimento, estava bem camuflado e poderosamente defendido por metralhadoras e duas peças de artilharia.

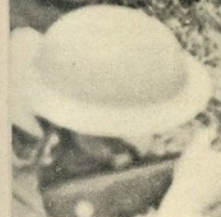


UM TIRO CERTEIRO DA ARTELHARIA ALEMÃ destruiu a parte superior dum potente «tank» russo que é analisado por oficiais do Reich após o combate naquela região ter terminado.



UM SOLDADO DAS TROPAS DE CHOQUE ALEMãs, APÓS A CONQUISTA DUMA COLINA, observa os incêndios que lavram ao longe, na planície, ateados pelas tropas russas.

OS NORUEGUÊSES preparam- -se para o combate



ENQUANTO SE ANUN-
CIA, DA NORUEGA, es-
tarem completos os tra-
balhos de defesa da Li-
nha Falkenhorst — na im-
inência duma eventual in-
vasão — as tropas norue-
guesas que se encontram
na Inglaterra, combaten-
do ao lado das forças
aliadas, activam o seu
treino, sob as ordens dos
seus oficiais e dos co-
mandos britânicos. Damos
nesta página alguns as-
pectos dos exercícios ul-
timamente realizados por
essas forças num ponto
do norte da ilha. De cima
para baixo: a defesa dum
posição; o manejo dum
metralhadora ligeira do
novo tipo utilizado pelo
exército inglês; e o as-
salto à baioneta a uma
posição inimiga. — (Fotos
«Britanova»).

A guerra no Extremo Oriente

UANG-XING-UEI e o seu governo

* por José de Freitas *

O recente reconhecimento pelas potências do «eixo» do governo chinês instalado em Nanquim, sob a presidência de Uang-Xing-Wei, não alterou de qualquer forma a situação política, militar e diplomática do Extremo Oriente. Malgrado a chamada «Ofensiva de

Maio», preparada pelos japoneses com tantos cuidados e tanto tempo, a China de Chang-Kai-Chek, com esse êxito militar, conquistou junto da América e da Inglaterra uma posição que lhe permite obter um auxílio efectivo em armas e em créditos, e consolidou internamente a sua autoridade que nenhum sucesso até agora abalara. A acção diplomática da Itália e do Reich, sem quaisquer consequências práticas imediatas que possam abalar o poder do governo de Xung-King, representam, apenas, um gesto amigável de cortezia para com o Japão. O que Matsuoka não conseguiu durante a sua viagem à Europa, obteve-o agora Tóquio, mercê da guerra germano-russa e do próprio pacto assinado em Moscovo. Este facto prova mais uma vez as íntimas relações que existem entre a política da Europa e a política da Ásia.

Jogando habilidosamente na defesa



UANG-XING-UEI, chefe do governo dissidente instalado em Nanquim.

dos seus interesses imperiais, o Japão procura tirar os maiores proveitos da presente guerra. Embora permaneça neutral e esteja ligado pelo Tríplice Pacto às nações do «eixo», não hostiliza os Estados Unidos com a violência costumeira nem ataca a Inglaterra. Procurará repetir o papel de mediano que tão bem representou no conflito da Indochina com o Sião? Ou quererá aproveitar-se da situação europeia para prosseguir na sua política de expansão para o Sul, exigida por uma grande maioria de governantes, fortalecidos com o argumento de que a campanha da China, até agora, só tem enfraquecido o país? A posição nipónica, depois das severas sanções aplicadas por ingleses e norte-americanos faz lembrar a atitude italiana no começo da derrocada da França. Qual será o objectivo secreto da ocupação da Indochina?

Simple medida intimativa, ou a primeira etapa para a conquista da fértil península de Malaca — e o ataque a Singapura e às Índias Holandesas? Ao mesmo tempo, as concentrações de forças japonesas na fronteira do Manchuo

com a U. R. S. S. e o afastamento de Matsuoka do governo podem levar a supor acontecimentos militares nessa frente, onde o ambiente criado por constantes conflitos de fronteira não deve ser de amizade.

No entanto, só a evolução dos acontecimentos militares em África e, especialmente, na frente oriental determinarão a futura atitude do Japão.

DUAS CHINAS?

O leitor pouco atento aos problemas do Extremo Oriente, apenas com as escassas informações telegráficas publicadas nos diários, pode raciocinar: «Estamos em presença de duas Chinas; uma partidária da colaboração com o grande império insular, outra que luta pela sua independência. Esta, governa a Uang-Xing-Wei; aquela, orienta a Chang-Kai-Chek.»

Para encontrar uma justa explicação desta complicada política que se não pode apreciar superficialmente, somos forçados num rápido resumo a historiar os objectivos nipónicos na China. Quando rebentou o conflito, o Japão procurou limitar a luta à China do Norte. Ocupada Pequim; instituiu ali um governo autónomo com autoridades chinesas.

A resistência dos exércitos de Chang-Kai-Chek obrigou, porém, Tóquio a ampliar a zona de guerra no continente amarelo. O governo nacional, perante a pressão das forças japonesas, bem equipadas e municadas abandona Han-Keu, perde Nanquim e instala-se em Xung-King, cidade do interior, nas margens do Yang-Tsé. E, imediatamente, os comandos militares do invasor protegem a formação dum outro governo na China do Centro, com sede em Han-Keu. Dividida em duas grandes zonas, a China do Norte e a China do Centro, com governos distintos e rivais, praticamente desmembrado, o grande país não possuía, sequer, força moral para se opor às ambições do estrangeiro. Mas os resultados desta política foram medíocres. A-pesar da rigorosa fiscalização exercida, os japoneses lutavam com grandes dificuldades para impor ao povo estes governos, sem prestígio e sem moral. Com as próprias autoridades que criara, a que Xung-King chamava «governos fantoches», surgiam cada vez mais as complicações. Os guerrilheiros, nas regiões ocupadas lançavam o pavor e a morte. Em Xangai, quasi diariamente, eram assassinados os chineses que colaboravam com o Japão.

As dificuldades de carácter militar que nessa altura, fins de 1938, começam a aumentar, juntava-se a impossibilidade de pacificar o território ocupado.

O GOVERNO DE UANG-XING-UEI

Foi então que, provado o malôgro desta política de ocupação, os dirigentes de Tóquio procuraram criar um governo federal para tôdas as regiões ocupadas.

Verificando a impossibilidade de vencer num curto prazo o Presidente da República Lin-Sen e o generalíssimo Chang-Kai-Chek, alma de toda a resistência, o Japão procurou entrar em negociações secretas com Uang-Xing-Wei, antigo Presidente do Yuan Executivo, colaborador e confidente de



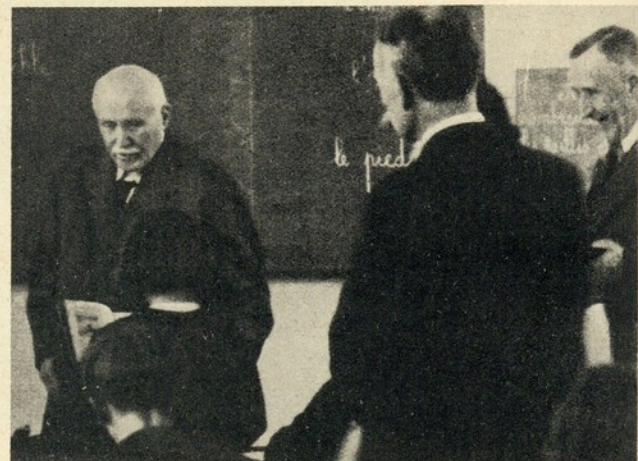
O GENERAL SUGIYAMA, chefe do Estado Maior do exército japonês, condutor de uma das ofensivas militares contra a China, conversando com Uang-Xing-Wei.

Sun-Yat-Sen e ministro dos Estrangeiros do governo de Xung-King. Era um golpe de mestre. Uang-Xing-Wei e Chang-Kai-Chek foram sempre rivais políticos. Pessoalmente, mesmo, não tinham um pelo outro quaisquer espécies de simpatias. Quando, há treze anos, o cabo de guerra chinês, marcha sobre Pequim para unificar a China, Uang-Xing-Wei instala-se em Han-Keu, onde forma um governo pretensamente comunista. As rivalidades vinham de mais longe: quando Sun-Yat-Sen morreu, Uang-Xing-Wei quis ser o «leader» do Kuomintang e a sua política de opposição a Chang-Kai-Chek obrigou o generalíssimo a abandonar durante alguns anos o seu país, onde não encontrava suficiente segurança.

Dá-se, em 1938, um lance teatral na política chinesa. Uang-Xing-Wei e sua mulher fogem de Xung-King, de avião, aparatosamente, e chegam a Hong-Kong. Nesta possessão britânica e na Indochina, onde se instala depois, o conhecido político chinês estabelece relações directas com as autoridades de Tóquio. Em Julho de 1939, Uang-Xing-Wei, que se encontra em Xangai, pronuncia pela rádio um longo discurso em que ataca violentamente a política de

Chang-Kai-Chek e expõe o seu programa de colaboração íntima com o governo japonês. Mas uma grande indiferença, até uma surda hostilidade, acolhem estas declarações. O passado de Uang-Xing-Wei e a sua ambição desmedida, põem de sobreaviso o povo. E, enquanto os meios oficiais de Tóquio o aplaudem com entusiasmo, o governo nacional chinês acusa-o de traidor. Os jornais da China não dão grande relevo ao discurso. E os próprios «cardinas» de Xangai e outras cidades ocupadas recusam-se a distribuir o texto da declaração. Nos meios diplomáticos, o acontecimento não se reveste de qualquer importância.

A-pesar disso, Uang-Xing-Wei, apoiado pelo Japão, forma um governo e instala-se em Nanquim, enquanto os governos de Pequim e Han-Keu desaparecem sem qualquer atrito. Mas o problema subsiste. Os japoneses não encontraram ainda a maneira de dividir a China que resiste e luta pela sua independência. A cisão provocada por Uang-Xing-Wei, há mais de dois anos, não teve quaisquer consequências na evolução dos acontecimentos militares, políticos ou diplomáticos do Extremo Oriente.



O MARECHAL PÉTAIN visitando uma escola de instrução primária para inquirir dos conhecimentos dos futuros homens da França, as crianças de hoje.

Canozuma Int'nacional

O que se previu no "POTOMAC"

+e por Francisco Velloso +

A orientação que a ofensiva alemã contra a Rússia acaba de tomar, no sentido de Odessa e buscando a ocupação das margens da Ucrânia no Mar Negro, depois dos violentos esforços que, durante sete semanas, dirigiu especialmente sobre Mocolvo e Leninegrado, isto é, sobre os centros políticos vitais moscovitas, rasgou um novo horizonte, no panorama, que já descrevemos, das possíveis hipóteses de surtidas alemãs.

A declaração conjunta de Churchill e Roosevelt que o major Atlee revelou no dia 14, fixou as concepções que a Inglaterra e os Estados Unidos formam das bases mais ou menos gerais em que deve assentar uma futura paz, e estabeleceram a colusão anglo-americana.

Além do acontecimento diplomático importantíssimo do envolvimento do Continente europeu pelo bloco intercontinental dos quatro grandes países em luta contra a Alemanha que já descrevemos e em torno do qual tudo regira — os dois acontecimentos acima apontados, entram já na consequência deste que veio transformar caracteristicamente a situação internacional entre 7 e 14 de Agosto.

MUDANÇA DE RUMOS



Vejamos em primeiro lugar o significado da variação da ofensiva alemã, lançada a todo o pano no sul da Rússia.

No dia 9, em carta de Berlim, *El Pueblo*, de Madrid publicava o seguinte:

CHURCHILL
«No dia em que Hitler tenha situado os seus homens ao largo da fronteira da Rússia com a Turquia e o Irão, poderá dizer-se que a grande batalha do Canal de Suez vai começar. Os ingleses sabem perfeitamente as consequências que a vitória total da Alemanha na Rússia terá para as últimas possessões que a Gran-Bretanha conserva no Mediterrâneo. E é por esta razão que o sr. Eden intensifica a sua política de intrigas no Próximo Oriente, e que em toda a extensão das fronteiras do Iraque e do Irão vão sendo concentradas numerosas forças armadas que alguns técnicos já calculam em cerca de 60.000 homens. Enquanto os militares andam a resolver a campanha da Rússia, os diplomatas já preparam o que será a próxima luta em todo o Próximo Oriente».

Este trecho vale por um programa e a dupla autoridade que lhe advém da sua proveniência e de seu estampado na imprensa espanhola, não consente que se lhe imputem tendências anglofilas.

No dia 8, Eden, intervindo no debate na Câmara dos Comuns, anunciara que «deve aguardar-se para breve a ofensiva britânica no

Próximo Oriente», e, depois de acentuar que para isso ali convergem grandes reforços em gente e material vindos dos Estados Unidos, da Índia e de África, e de reiterar que a Inglaterra não faz guerra para conquistar territórios, acrescentou: «Conclue-se daqui que, da nossa parte, só pode haver uma política para com todas aquelas nações que vivem na região limitada a Oeste do Canal de Suez e a Leste pelas fronteiras da Índia. Desejamos que vivam as suas próprias existências em segurança e em paz. Lembra a esses territórios que os próximos golpes vibrados pelas nossas forças são-lhe tanto a favor da sua própria independência como da nossa. Daqui deduz-se o seguinte corolário: esses países devem cooperar connosco para garantirem que não darão oportunidades à Alemanha ou ao «eixo» de criar perturbações que exijam o aumento do seu esforço de guerra».

Ora, coligindo o transcrito passo de *El Pueblo* com estes dizeres do ministro inglês, a modificação nas diretrizes da ofensiva alemã contra a Rússia, lançada com singular afã sobre o Mar Negro e os inquietantes movimentos que se notam na fronteira turco-búlgara (e Eden advertiu Sofia de severo ajuste de contas) marcam com clareza o novo rumo alemão das coisas, no sentido de novamente desconcentrar para pontos da periferia o esforço britânico e tentar a rutura do envolvimento sobre regiões de valor económico para o abastecimento do Reich que passam a ter nesse plano lugar superior aos objectivos políticos que inicialmente orientaram a Campanha a leste.

A PÉRSIA AS PORTAS DA ÍNDIA



RIBBENTROP

Rendidos a Síria e o Iraque, as vistas alemãs por esse lado, só podem projectar-se para a Pérsia ou Irão e para a Turquia. A primeira funcionaria como uma perfuração nas rectas guardas inglesas ateando o incêndio às portas da Índia, e para lá de há muito conduzem os alemães, já como seus técnicos já como turistas especiais, elementos de influência junto do governo de Teherão, entre os quais os próprios drs. Schacht e Funck que desde 1934 por lá andaram, em contacto com o governo presidido por Daftary, a lançar raízes e a implantar capitais a diversas empresas de exploração industrial. Pode mesmo dizer-se que a Pérsia tem sido um viveiro de crescentes influências de Ribbentrop. Durante o período vitorioso da rebelião no Iraque, chegou a esperar-se um levantamento germanófilo na Pérsia.

Desde 28 do mês passado, os governos inglês e russo fizeram diligências em Teheran protestando contra a permanência de instruídos núcleos alemães no país, ao que o governo respondera prometer estudar o assunto havendo começado a

evacuar alguns desses agentes estrangeiros. Outro tanto fizeram esses dois governos no Afeganistão, metido entre a Inglaterra e a Rússia. Londres e Moscovo, consideraram, porém, tal resposta como incompleta e insuficiente, e a 11 e a 17 voltavam a reclamar quasi intimativamente uma decisão do governo persa, exercendo para tanto uma pressão que realmente fez aparecer de retorno em Ankara alguns daqueles especialistas alemães que Berlim despachara para Teherão. De facto, se a situação do Iraque era capital à defesa da Síria, da Transjordânia e da própria Turquia, não é de menos a do Irão, comandando desde o Golfo Pérsico todo o caminho do Oriente. O transporte de submarinos e vedetas e a acção da aviação topariam ali bases excelentes para o Reich. Um levantamento de tropas prejudicariam sobre a fronteira com a Rússia e a Turquia uma defesa da zona Caucásica contra arrancos alemães ao longo do Mar Negro. E Wawell que tem mostrado o que vale na reorganização do exército da Índia, ainda a 14 avisava que era indispensável fazer a defesa da Índia inglesa fora das suas fronteiras. E é de crer que assim aconteça. A mão forte impõe-se a Londres e a Moscovo, sem tardanças.

A CHAVE DA MANOBRA



VON LIST

Mas todo este plano alemão tem sua chave em Ankara. Edeu, no seu discurso parlamentar já citado, significou — o bem, sublinhando na observância leal do tratado anglo-turco a base da amizade dos dois países e das suas cooperações durante e depois da guerra, e como se propalassem com visíveis intenções, rumores de que Londres forjava projectos à custa da soberania turca, os governos inglês e russo, no dia 10, apresentaram pelos respectivos embaixadores, ao governo do presidente Inonu, uma declaração, em textos idênticos, segundo a qual nem a Inglaterra nem a Rússia «têm qualquer intenção agressiva a respeito da Turquia» e prometem a esta o seu apoio e assistência se for atacada por outra potência. Duas afirmações importantes continham esses documentos: — uma que as duas grandes potências não têm reclamações a formular sobre o regime do Estreito dos Dardanelos, e a outra, com mais entrelinhas, que o governo turco «não pode manter a mera dúvida acerca da política que deve seguir para com o Reino Unido da Grã Bretanha e para com a Irlanda do Norte. Doutra parte, após estas declarações (inicialmente contidas no último discurso de Eden) novos armamentos chegaram à Turquia, fornecidos pela Inglaterra.

Von Papen continua em Ankara, vigilante e activo, tecendo a sua teia de aranha e procurando alimentar a chama de um dissídio russo-turco, para o que alega a

existência de ambições moscovitas sobre os Estreitos — miragem histórica, com que Berlim acenara a Estaline ao negociar-se o pacto de 1939, e agindo por outro lado com a ameaça búlgara às fronteiras, sob o comando de Von List. Cripps é em Moscovo o temível rival de Von Papen. A 30 de Julho, anunciava-se o seu próximo aparecimento na capital turca onde Saradjoglu nada mais faz do que prosseguir uma política entre o equilíbrio possível numa situação instável e a decisão da defesa das fronteiras. Ainda a 6, o presidente do governo, Saydam, denominava essencial o pacto turco-germânico de 17 de Junho e elogiou a «moderação e o bom senso britânicos» e a confiança e amizade da Inglaterra para com a Turquia. E quando no dia seguinte, a imprensa búlgara rompia *ad hoc* numa campanha contra a nação vizinha, prolongada com violência nas emissões radiofónicas, — ao que o *Haber*, jornal turco, retorquia fero, que a paciência poderia exgotar-se — o ministro da guerra Naci Tinaz acudia a afirmar em Ankara a *United Press* que a nação, reforçando o seu armamento, defenderia a sua independência, fosse contra quem fosse.

A previsão feita em Londres de que a ofensiva alemã sobre o mar Negro fere ou intenta ferir pelo Cáucaso e no Irão as linhas da Índia, confirma-se toda em Ankara, tornada ponto nevralgico dessa larguíssima manobra diplomático-militar de que Von Papen, batido na campanha da Síria, é o artífice. Se um dia os alemães bombardearem Baku, o estrodo do canhão alamará Ankara. E é possível que nesse momento, o pacto turco-germânico deixe de ser o biombo que tem sido daquela manobra, e que as colunas alemãs que entrem em Odessa, sejam secundadas por um assalto dirigido desde as bases da Bulgária contra os Estreitos.

Ver-se-á isto a tempo em Ankara? O ministro da guerra inglês, Margesson, disse a 17 em New Castle que todo o Médio Oriente poderia incendiar-se de um momento para o outro. O avanço alemão sobre Nicolaiév assim o indica. E é uma perda importante para as posições russas no Mar Negro.



ROOSEVELT

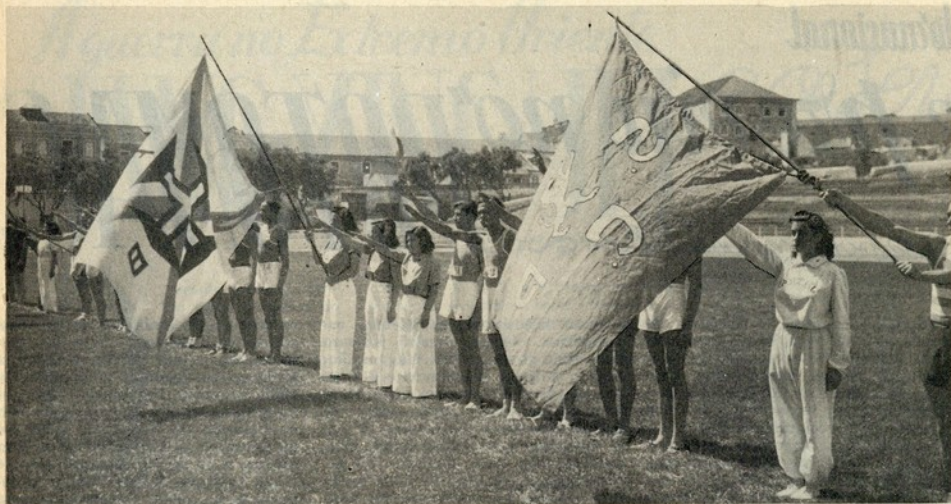
A guerra volta pois, a tender de cada vez mais para leste. O derrame alemão nessa direcção obedece ainda, por atracção irresistível, do plano de Berlim em busca duma solução política. Somente, ele é levado pela força inelutável das circunstâncias, desde que a Rússia não caia como castelo de cartas. E a guerra prolongar-se-á desgastante até horizontes imprevistos.

Hitler, nesta marcha para leste, tem apenas o apoio eventual da

(Continua na pág. 12)

Acontecimentos

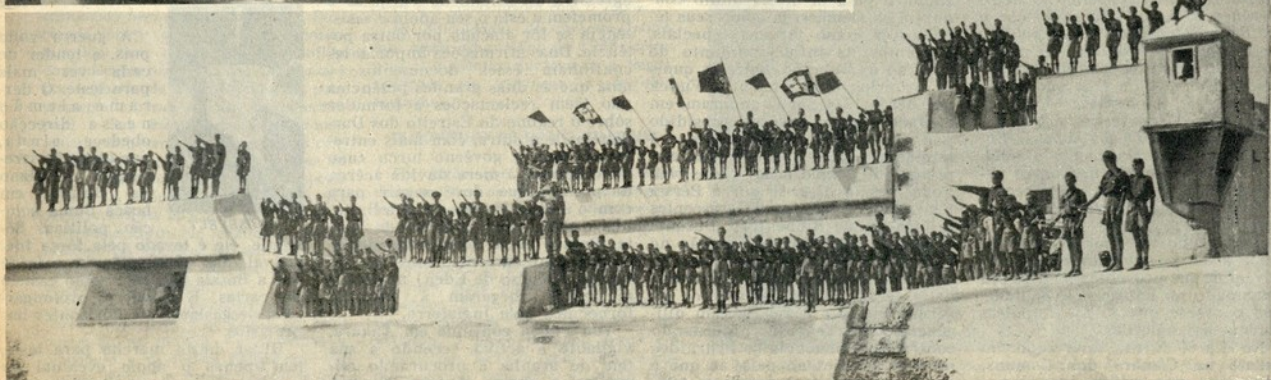
da
SEMANA

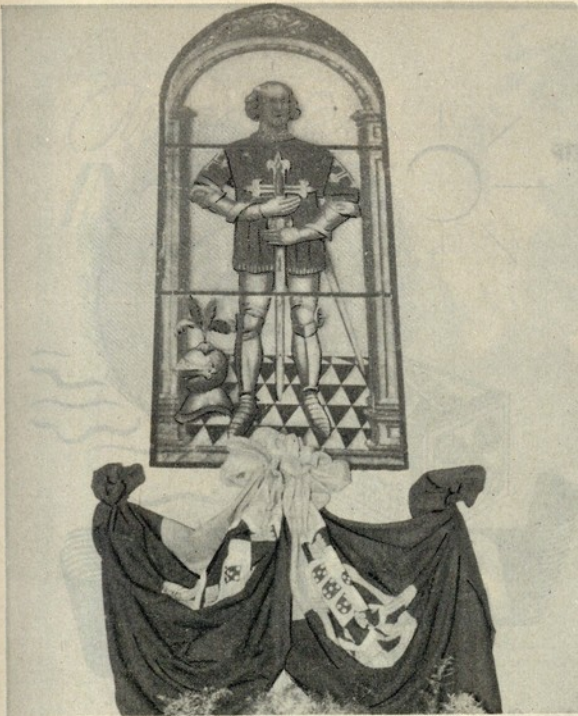


UM ASPECTO DA PARADA ATLÉTICA realizada no Estádio das Salésias.



EM CIMA, à esquerda: Os naufragos do «Frankfurt» e os oficiais do contra-torpedeiro «Vouga», seus salvadores, a quem foi oferecida uma festa nos jardins do Palácio da Legação da Alemanha. EM BAIXO: Alguns dos convivas ao jantar oferecido pelo sr. embaixador do Brasil aos actuais descendentes dos vice-reis. EM CIMA: O dr. Moisés Garcia Mella, novo ministro da República Dominicana, após a entrega das credenciais ao Chefe do Estado. AO FUNDO: Filhados da «Mocidade Portuguesa» no forte de Caxias, na festa nacional de 14 de Agosto.





O VITRAL inaugurado no Quartel do Carmo em honra de Nuno Alvares Pereira.



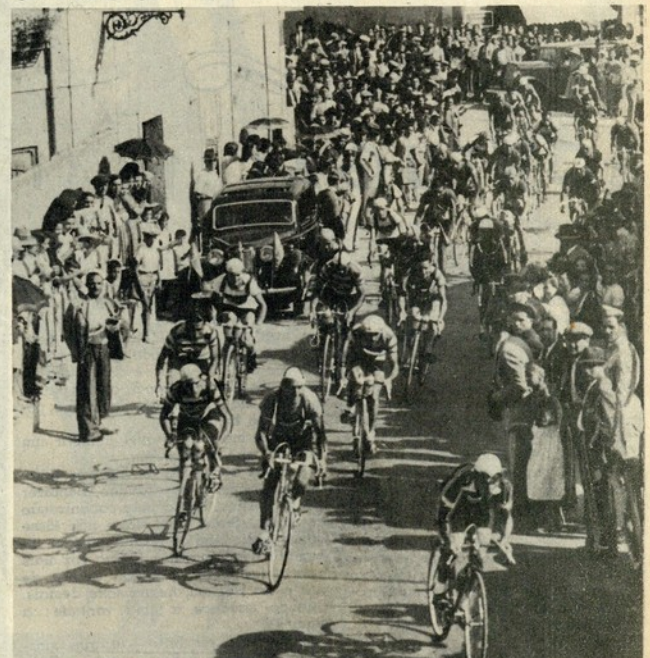
A X VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA continua a interessar vivamente os entusiastas do desporto. A foto mostra-nos um aspecto das movimentadas finais de etapa. Francisco Duarte corta a meta em Santiago do Cacém.



JOSÉ ALBUQUERQUE, «O FAISCA», uma das mais populares figuras da Volta, ganha a etapa que terminou em Beja, destacando-se, ao «sprint», dos adversários.



DOIS ASPECTOS DO ACAMPAMENTO da «Mocidade Portuguesa», em Belas. (Fotos feitas com películas «Ferránia».)



O ENTUSIASMO DO PÚBLICO PELA COMPETIÇÃO patenteia-se bem nesta foto, tirada à partida da Cova da Piedade, começo de uma das etapas da Volta.

PANORAMA INTERNACIONAL

O QUE SE PREVIU NO "POTOMAC"

(Continuação da página nove) Por Francisco Velloso

Pérsia (perigo que Londres precisa de conjurar) e do Japão. No Pacífico as posições não mudaram. Ocupada servilmente a Indo-China, Tóquio despeja agora tropas na Manchúria, jogando lenta e calculadamente com Berlim, para a hora em que à Alemanha convenha oprimir Moscovo na fronteira siberiana e a Inglaterra através do Sião — colocado similarmente na função da Turquia — em Singapura.

Um rastilho acéso incendiará os hemisférios.

E, precisamente porque se chega a este acúme, Churchill e Roosevelt tiveram de ajustar as peças da formidável máquina que conduzem contra o Reich. A entrevista, projectada em Fevereiro, não tem outro significado. Por detrás da declaração conjunta dos oito pontos está mais do que a enunciação de princípios, uma consolidação definitiva do bloco dos países aliados, e, pode já dizer-se, a ofensiva futura contra a Alemanha.

Os princípios enunciados são uma aclaração de aspirações e doutrinas antes expostas pelos dois chefes. Mas o que néles vale tangivelmente é esta frase: «Após a destruição final da tirania nazi», e as afirmativas de que nem a Inglaterra nem os Estados Unidos procuram conquistas territoriais e de que o mapa do mundo só será alterado por vontade dos povos livremente expressa. Há dois anos, porém, que a um e outro lado do Atlântico norte, os chefes dos dois países fazem tudo por obter uma intercooperação perfeita. Depois do rasgo da ocupação da Islândia que transformou a batalha do Atlântico quebrando os arrancos da guerra submarina, essa máquina anglo-americana entrou agora em pleno funcionamento, em ligação com a Rússia e com a China.

A conferência de Hoopkins e Beaverbrook em Moscovo com os comandos moscovitas, saiu como conclusão necessária da conferência a bordo do *Potomac*. A resistência russa é vital condição para a eficiência da acção do bloco aliado inter-continental. Por isso Londres e Washington lhe dão todos os reforços. Margesson dizia na sua oração, já aludida, que Auchinleck não deve suportar sózinho no Egipto o peso de um ataque alemão no Médio e Próximo Oriente.

E se o aprofundamento da ofensiva de Hitler para leste convém aos Aliados, tal vantagem não pode ser hábilmente utilizada pelos seus contrários, desde que ele consiga atingir certos limites essenciais a uma futura reacção daquêles, que também não podem dispensar a vantagem do inverno e os efeitos consequentes do desgaste da campanha.

Estamos nos fins de agosto. Na primeira quinzena do mês que vem, o leste europeu começará a ser açolado pelas primeiras rajadas. A guerra tem de entrar ali em acclerações raivosas. Hitler mantém — coberto nas rectaguardas ocidentais pela conivência de Darlan e Laval, que mais uma vez optaram por Berlim contra Washington, e pela franca amizade espanhola — Hitler mantém as suas perspectivas de uma vasta acção no outono. Tem de romper o cerco. Ou o faz por leste ou por oeste, em ligação com o Mediterrâneo.

Na entrevista histórica de *Potomac* não se deve ter cuidado de outra coisa, já que a resistência moscovita desde 22 de junho, estabeleceu, conforme Churchill um dia previu, contra uma promessa de Adolfo Hitler, que 1942 seria o grande ano da guerra.



ETP

ferrania

APELÍCULA QUE NUNCA FALHA

J. C. ALVAREZ, LDA.
TUDO PARA FOTOGRAFIA E CINEMA
205, R. AUGUSTA, 207 • 66, R. D'ASSUMPÇÃO, 72

PORTUGAL 1941

(Continuação da segunda página) Por Alice Ogando

espalhando a fé e a doutrina que professava, oferecendo espontaneamente a sua existência ao serviço de Deus. A sua palavra vibrante semeou o Evangelho; a sua mão bondosa fez cair, sobre a cabeça dos gentios, a água sagrada do baptismo.

Comovidamente, todos aqueles para quem a palavra bondade tenha qualquer significado, se inclinam ante o Santo, ou ante o Homem.

Mas, ao vermos agora atingir a canonização tão merecida este sér' sacrificado pela sua fé, não podemos deixar de pensar, um rápido segundo, em todos os mártires obscuros, cujo nome ninguém mais poderá fixar, que lutam nesta hora, que sofrem por causas que podem não ser as suas, pois, muitas vezes, a mão que dispara não é sempre guiada por um cérebro que compreende.

Entre aqueles que espalham a destruição e a morte, alguns existem de certo — e só por isso os podemos qualificar de humanos — que acabam a

sua vida como vis carrascos e sem saber porquê, sem compreender, principalmente, para quê.

Morrer por uma ideia *nossa*, pela *nossa* crença, sofrer por um ideal que floresce dentro de nós, é doce martírio, se o compararmos com o de outros mártires, não iluminados pela luz poderosa da Fé!

É bem mais admirável cumprir um Destino, que uma ordem.

A alma boníssima de João de Brito, deve estremecer de gratidão, bendizer o seu Destino. Santo pela canonização de Roma, Santo ainda que não fosse canonizado, João de Brito obedeceu, ao cumprir o seu martírio, a essa voz mais que todas forte, que soa dentro de nós e um Homem, nunca sofre demais, quando obedece a uma vontade: a Sua.

Beato João de Brito — tu que morreste a semear o Bem — pede a Deus pelos que morrem inconscientemente a espalhar o mal, por toda a superfície da Terra.



B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

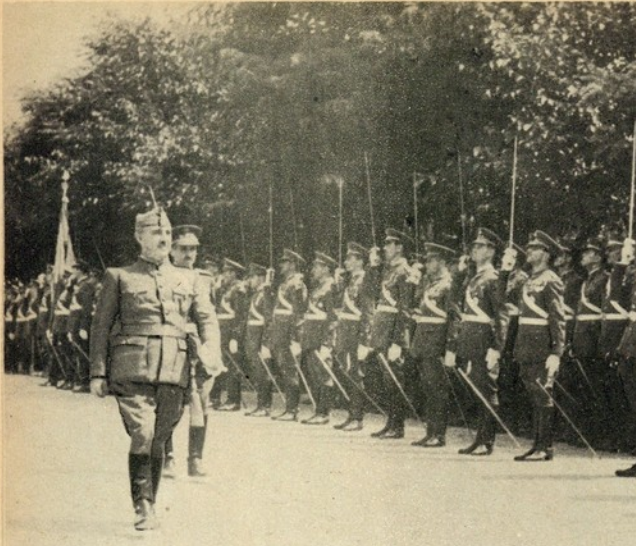
Hora de verão	Estações	Ondas curtas
13.15 Noticiário	C R Z	13.86 m. (21,64 mc/s)
	C S O	19.76 m. (15,18 mc/s)
	C R V	24.92 m. (12,04 mc/s)
22.00 (*) Noticiário	C S C	31.32 m. (9,58 mc/s)
	C S B	31.55 m. (9,51 mc/s)
22.15 Actualidades	C R T	41.96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em C R V.

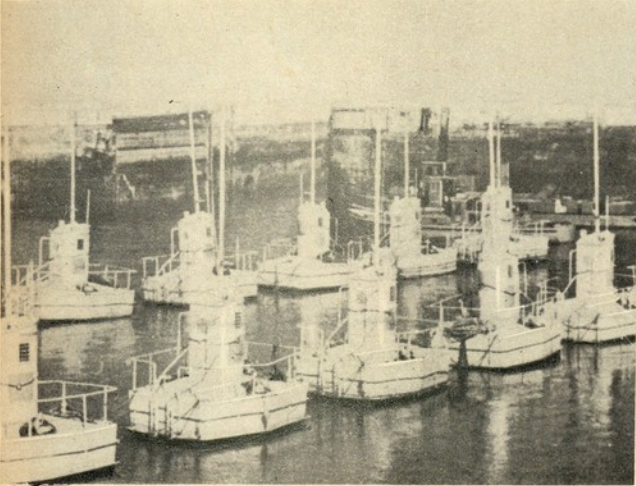
Triadores **INGLESES**



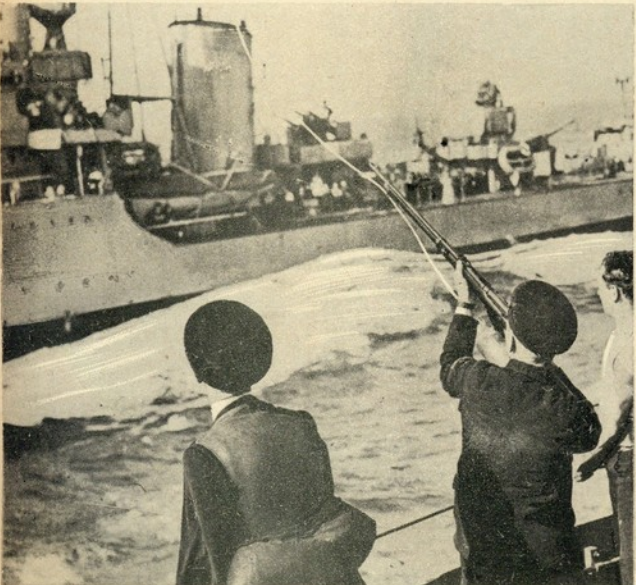
UM FLÔTO DUM AVIÃO DE «CAÇA» DA R. A. F., ferido em combate, sai do hospital pelo braço duma enfermeira, e prepara-se, sorridente e confiante, para o seu primeiro passeio, após lo que irá, de novo, tomar contacto com o espaço azul, «mais perto do céu e mais longe dos homens».



O GENERALÍSSIMO FRANCO, Chefe do Estado espanhol, passa revista, durante a festa da Escola Militar Superior, à guarda de honra que era formada pelos novos oficiais recentemente elevados ao posto de tenente.



ALGUMAS DAS NOVAS BOIAS DE SOCORRO que vão ser espalhadas no canal da Mancha e dentro das quais se encontra tudo quanto é necessário para um avião, caído ao mar, poder viver durante dois ou três dias.

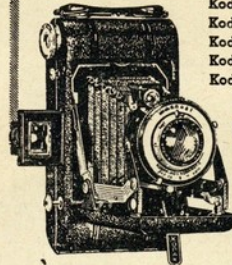


OS MARINHEIROS INGLESES, para enviarem uma mensagem dum barco de guerra para outro usam este curioso processo: a mensagem, atada a um fio, é disparada por uma espingarda especial sobre um alvo colocado no chaminé.



Para as suas férias...

E' indispensável um «Kodak» que fixe para todo o sempre os dias de prazer e alegria, os felizes momentos das suas férias tão desejadas e merecidas. Qualquer destes «Kodaks», de preço bastante moderado, é fácil de manejar e de resultados seguros.



Kodak Vigilant Junier 620, f.8.8. Esc. 285\$00
 Kodak Vigilant X 620, f.7.7..... » 360\$00
 Kodak Vigilant X 620, f.6.3..... » 395\$00
 Kodak Vigilant 620, f.6.3..... » 485\$00
 Kodak Vigilant 620, f.4.5..... » 675\$00

Kodak
VIGILANT 620
 6×9 cm.

À venda nas boas casas de artigos fotográficos
 KODAK, LIMITED — 33, RUA GARRETT, LISBOA

„Allô, Portugal!
 Aqui Alemanha”

„Fala a emissora alemã de ondas curtas”

NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
 (TODOS OS DIAS)

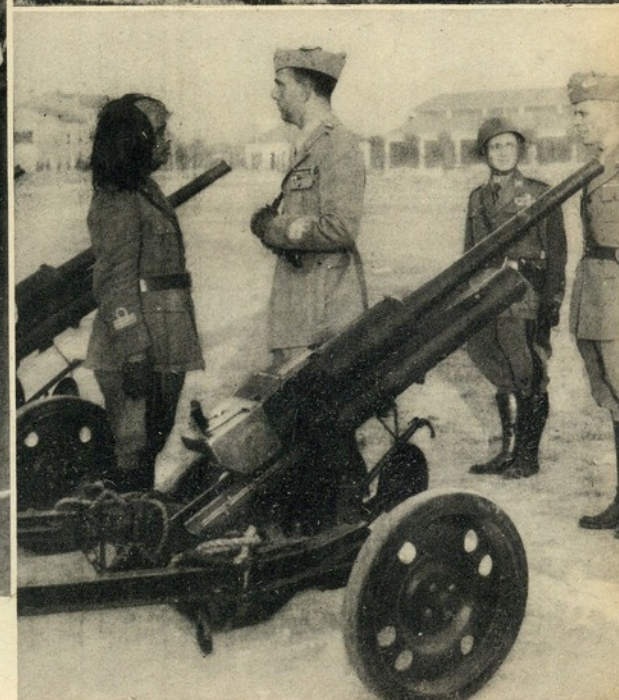
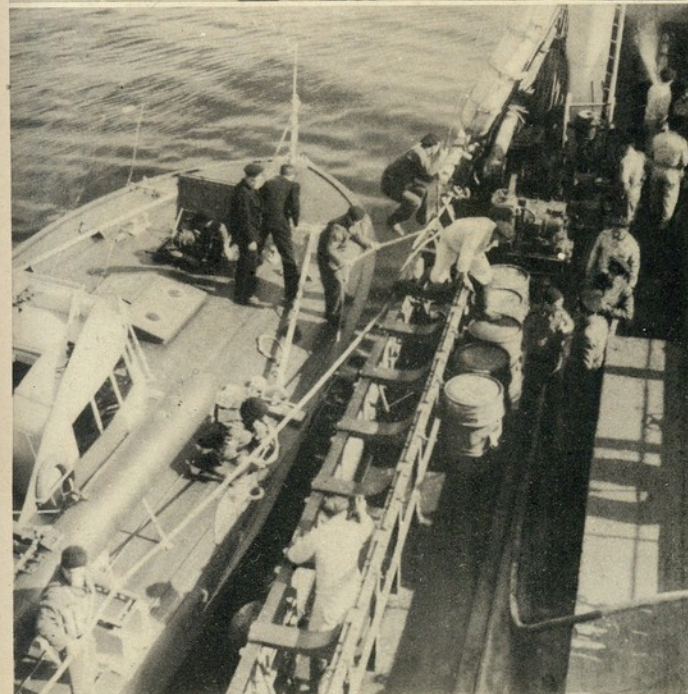
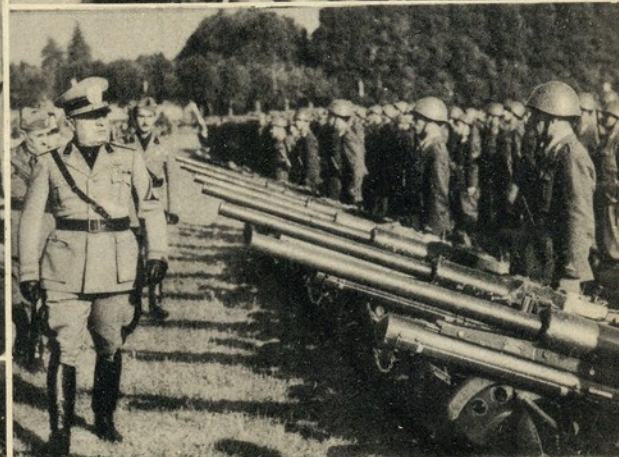
HORAS	POSTOS	METROS	KCS.
16.15 às 16.30.....	DZH	20,75	14.460
	DZE	24,73	12.130
	DXS	19,79	15.160
18.45 às 19.00.....	DJD	25,49	11.770
	DJC	49,83	6.020
20.30 às 20.45.....	DJQ	19,62	15.280
	DJQ	19,62	15.280
21.30 às 21.46.....	DZC	29,16	10.290
	DJD	25,49	11.770
21.45 às 22.00.....	DJC	49,83	6.020
	DJQ	19,62	15.280
0.00 às 0.15.....	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130
2.00 às 2.15.....	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130

ACTUALIDADES EM LÍNGUA PORTUGUESA
 (TODOS OS DIAS ÚTEIS)

HORAS	POSTOS	METROS	KCS.
22.30 às 22.50.....	DJQ	19,62	15.280
	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130
23.30 às 23.45.....	DJQ	19,62	15.280
	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130
2.15 às 2.30.....	DZC	29,16	10.290
	DZE	24,73	12.130

ITALIA na Guerra

A DIREITA: Curioso instantâneo tirado a bordo duma unidade de guerra italiana empenhada em combate com forças adversárias no Mediterrâneo. A foto mostra-nos o trabalho dos artilheiros no municionamento dos canhões duma torre dupla dum contra-torpedeiro.



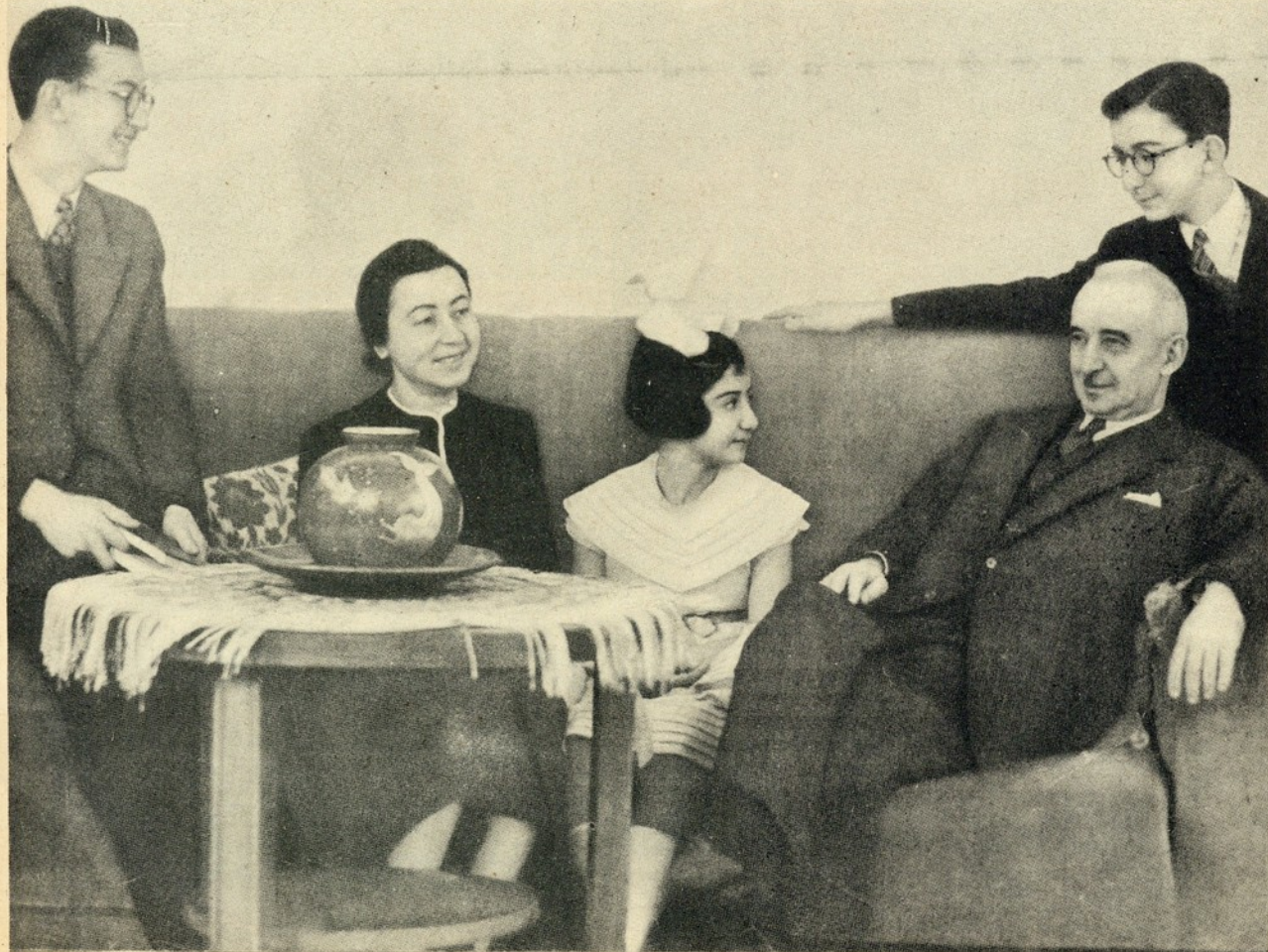
DE CIMA PARA BAIXO E DA ESQUERDA PARA A DIREITA: Um dos novos paraquedistas italianos devidamente equipados.—Mussolini passa revista a um corpo de exército que vai partir para a frente russa.—Reabastecimento duma vedeta rápida italiana no alto mar.—O Príncipe de Piemonte conversando com um oficial que vai partir, com o seu regimento, para a frente oriental.

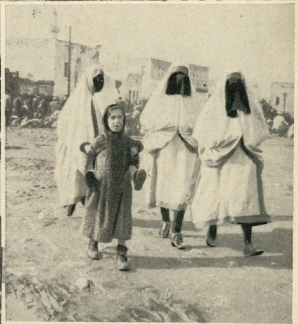
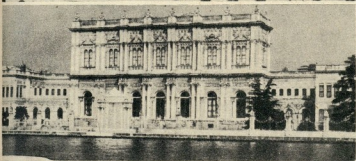
Figuras e imagens da **TURQUIA**



A TURQUIA É UM PAÍS MODERNO. Durante séculos e séculos, foi vedado às mulheres o acesso aos lugares públicos e às profissões liberais. Hoje, elas podem exercer, não só a advocacia, como também a própria magistratura.

O PRESIDENTE ISMET INONU interessa-se muito pelo bem-estar do povo. Vêmo-lo na foto, em cima, conversando com alguns aldeões, durante uma viagem que fez à província. Em baixo: O Presidente, com sua família.





Em cima: ESTAMBUL a antiga Constantinopla, com as suas mesquitas e palácios. A esquerda: O famoso palácio de Bostoro, antiga residência do terrível «sultão vermelho», que é hoje departamento do Estado; uma repartição oficial onde o público é atendido por jovens mulheres. À direita: O tradicional sâk, que cobria os rostos feshininos e que foi abolido por Kemal Ataturk nos grandes centros, é uso que ainda hoje se mantém nalgumas aldeias turcas.

Uma empregada dos

GRANDES ARMAZENS

novela por Graciete Branco



ARIA Luiza era uma interessante empregada dos «Grandes Armazens» dum capital elegante. Os seus olhos claros e luminosos faziam voltar muitas cabeças e o seu sorriso tranqüillo, onde havia tanto de honesto como de gracioso, bastava vezes muito para fazer elogios em várias bocas.

Quando o Pai ainda existia e a sua voz rude mas amiga trocava no modesto quarto andar da Rua dos Salgueiros, tudo era diferente na vida de Maria Luiza. Havia roupa nas gavetas, rosas nas jarras, pão em fatura e até manteiga e até leite e até omeletes de «posações finas». Tinham criada a Maria Luiza e as duas irmãs mais novas — a Nômia e a Leonor — iam à escola e aos domingos o Pai comprava um camarote e levava toda a família a um cinema de «repri-se».

Mas o Pai faltou um dia, de repente, com uma síncope cardíaca, e a Maria Luiza, daí a um mês, entrava para os «Grandes Armazens», toda metida no seu vestido preto, alvando a vida, e sendo, com os seus puros olhos, grandes e luminosos.

Adeus, curso das liceus! Adeus, bordado a matiz! Adeus, francês! Adeus tudo!

Agora, era trabalhar, aturar os risos trocistas das companheiras e, talvez, as grosseiras decomposturas dos patrões.

Havia, no entanto, na alma resignada de Maria Luiza, uma tal qualidade de adaptação, o trabalho passava-lhe pelas mãos tão ao de leve que ela sentia-o, apenas como um flocos de algodão em rama. O seu sorriso tudo aligeirava; o seu olhar, tranqüillo e claro, iluminava o espaço à sua volta, e dizia-lhe até que ela passava a vida, quasi abreitamente, como as alvéolas elegantes e espirituais que mal tocam no solo.

E... as companheiras embriovavam com ela, por causa disso.

Uma tarde, estando Maria Luiza ao balcão, chegou uma estrangeira que foi atendida por uma sua colega. A senhora era francesa e a rapariga via-se em sérios embaraços para a compreender. Após várias tentativas da empregada, Maria Luiza avançou, com simplicidade, dizendo-lhe sorridente:

— Non, Madam. Nous n'avons pas le tissu que vous désirez mais nous avons d'autres aussi jolis que celui-là.

A estrangeira sorriu, agradecida por ela lhe haver simplificado a situação e encantada com o seu suave sorriso.

Maria Luiza ficou ao balcão a atendê-la e a colega afastou-se, furiosa e despeitada.

No dia seguinte, estava Maria Luiza toda entregue ao trabalho de collocar etiquetas nas diversas peças de tecido à sua guarda, quando o senhor Albuquerque, sobrinho dum dos donos dos «Grandes Armazens», passando pela secção, perguntou ás empregadas:

— Qual foi das meninas a que atendeu ontem Madame Vernier, falando-lhe em francês?

A Gabriela, uma ruiva de grandes olhos de côr indelicaz, respondeu, apontando Maria Luiza:

— Foi aquella. A Maria Luiza Arroiro.

O senhor Albuquerque olhou-a, com os seus fundos olhos observadores e, sorrindo, disse-lhe amavelmente, enquanto passava pelos cabelos espelhamentes de brilhantina, uma das mãos onde cintilava uma admirável esmeralda:

— Felicitai-a Madame Vernier foi encantada consigo. É sempre agradável haver uma empregada que saiba falar aos estrangeiros.

Maria Luiza, vermelha como uma papoia, respondeu apenas, enquanto punha e tirava a mesma etiqueta, atropalhada e nervosa:

— Muito obrigada, senhor Albuquerque!

E o caso é que, desde essa manhã de Maio, em que desci do Céu, amolecendo a terra, um morno aroma de primavera, o senhor Albuquerque, raro

era o dia em que não descia à secção das sedas, e do pretexto fútil de isto ou de aquillo, demorando-se uns dez minutos a conversar com a Maria Luiza Arroiro...

Escusado é descrever a teia de intrigas e invejas que se agitava no grupo das suas colegas de balcão.

— «Que me dizem vocês á soneinha, heia?!»

— «Ela não a larga porque vê que ela é fúcil!»

— «...Não!... Havia de ser pelos seus lindos olhos!»

— «Que menino!... O Albuquerque!...»

— «Mas a palerma pensa que elle anda perdido de amores por ella!»

— «Pois pensa!»

— «E se nós lhe fizésemos uma partida?!»

— «Ótimo! Ótimo! Venha lá uma ideia!»

— «Olhem: mandamos-lhe uma carta a fingir que é escrita por elle, declarando-lhe o seu amor. Eu tenho jeito para imitar letra de homem!»

— «Bravo! Bravo! Valeu!»

E a pobre da Maria Luiza, sem suspeitar da armadilha que lhe preparavam na sombra, continuava a cumprir o seu trabalho, conscientemente, honestamente, como nos primeiros dias.

A conspiração crescia, a occultas, e a Ricardina — a alma dançada do grupo — appareceu, certa ao nhé, com a carta já escrita e um sorriso triunfante no rosto ardente. Como fôrmas atroladas para se preto de guloseimas, todas as outras correram como asas, rindo e cochichando batixinho:

— «Lá lá, canta!»

— «Deixa lá ver isso!»

— «Tá calada! Deixa-a ler!»

E a Ricardina leu, a meia voz:

«Menina Maria Luiza:

Desde que o meu olhar teve a dita de se logo o meu coração pulçou de patixão pela sua esbelta figura.

Dará-se o caso da menina Maria Luiza quer asselar esta minha declaração de amor? Espero o seu sim, que fará de mim o homem mais feliz desta vida.

Dêste seu apichonado

José Albuquerque.»

Um bravo em unânime coroou o sublime trabalho epistolar de Ricardina.



— Esta é que é para mim. Podes lê-la.

Estátuas na areia

— «Está ótimo!»
 — «Estupendo!»
 — «Agora fecha-a, anda.»
 — «Quando é que lha dá?»
 — «Tu mesma é que lha entregas?»
 — «Pois! Finjo que fui ao escritório e que ele me pediu para eu lha entregar.»
 — «Ótimo! Ótimo!...»

O grupo desfez-se, súbitamente, com o aparecimento duma empregada superior e o dia seguiu o seu curso normal.

Eram seis horas da tarde quando Ricardina, passando junto às colegas, lhes disse baixinho, piscando o olho, num sorriso intencional:

— «É a altura!! Atenção! Vai ficar doida de contente!!»

E os olhos das raparigas, no antegódo da cena, brilhavam de emoção e alegria, irradiando centelhas de luz...

A Maria Luiza dobrava, nesse momento, uma peça de seda branca. Ricardina, com um ar estudadamente natural, chegou-se ao pé dela, estendendo-lhe a carta:

— «Olha, Maria Luiza: fui ao escritório do senhor Albuquerque levar uma factura e ele pediu-me para te entregar esta carta. Oxalá que sejam boas notícias!»

Um pouco surpreendida, Maria Luiza rasgou o sobrescrito e o seu olhar claro e luminoso mergulhou na estreita fôlha de papel barato.

Tranquilamente, ante o olhar extático de Ricardina e das companheiras, que não perdiam um só dos seus gestos, Maria Luiza meteu, de novo, a fôlha de papel no sobrescrito, restituindo-lho e dizendo, a sorrir: — «Deves ter-te enganado, Ricardina: não é para mim!»

E metendo a mão no discreto decote da sua bata negra, exclamou, mostrando-lhe uma carta que resrescia a rosas:

— «Esta é que é para mim. Podes lê-la.»

Uma onda de raiva e despeito cobriu o rosto amarelento de Ricardina, ao ler, de raspão, mas gulosamente, estas palavras:

«Meu amor:

A tua imagem não me sai da lembrança. A tua dignidade, o teu sorrisinho tão simples e tão honesto, farão o milagre de eu te levar, pelo meu braço, ao altar, daqui a poucos meses. Dize a tua Mãe que logo à noite lá irei, na forma do costume, para combinarmos tudo.

Adoro-te cada vez mais.

Teu José»

De novo, Maria Luiza, sorrindo sempre, dobrou a carta e guardou-a no peito.

Ricardina, ao afastar-se, furiosa, tropeçou num banco e estatelou-se no sobrado...

Estalou uma gargalhada geral, logo abafada, pela voz da vigilante, a D. Matildinha, que resmungava, olhando o vago, por cima dos seus grandes óculos de tartaruga:

— «Meninas! Que falta de compostura! Ordem, ordem, meninas!...»



A ESCULTURA NA AREIA é uma arte difícil. Mas na América do Norte, onde a vida de ar livre está extraordinariamente divulgada, há muitas pessoas que utilizam as suas férias de praia para se adertarem nessa modalidade artística. É o caso de Mary Sternberg, de quem publicamos uma foto que a mostra a trabalhar perante um lindo modelo numa das lindas praias americanas da costa da Califórnia.

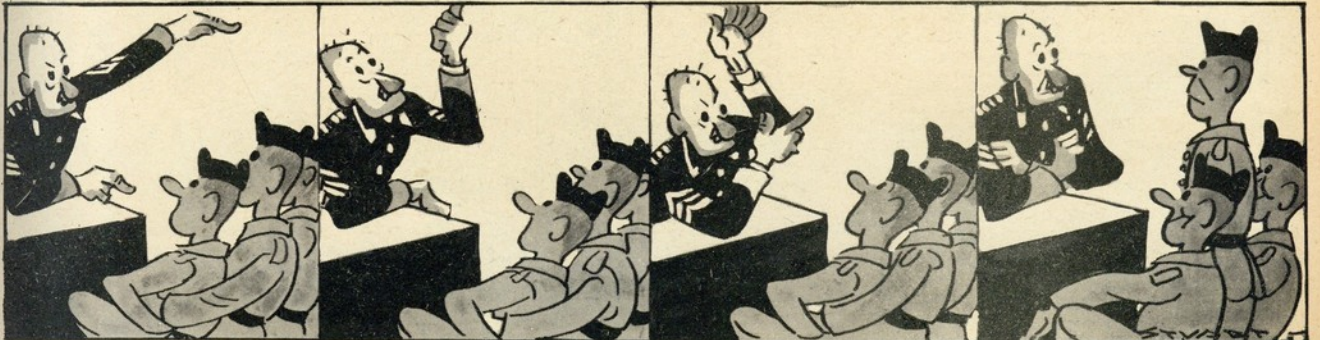
Fortalezas voadoras



Um dos grandes aviões bombardeiros «Boeing», fabricados na América e já ao serviço da R. A. F.

PARAQUEDAS...

Por Stuart Carvalhais



— O paraquedas, como o nome está mesmo a dizer, serve para atenuar a queda do tripulante dum avião que entrou em «panne».
 — Sim, meu «primeiro!»

— Por exemplo: Vocês estão a voar a mil metros de altura. De repente, o motor pára. O que se deve fazer nesta altura?
 —?

— Vêem se o paraquedas está bem seguro e dão o salto para fora do avião. Depois, contam até cinco, puxam o cordel e ele abre...
 — Sim, meu «primeiro!»

— Ó meu «primeiro!» E se o aparelho não abrir?...
 — Parece que é pouco! Se não abrir, faz a sua reclamação por escrito e vai ao depósito buscar outro em condições.



Assim se passam as **FÉRIAS** *na* **AMÉRICA**

Vida
MUNDIAL
Ilustrada

UM NOVO DESPORTO NASCEU NA AMÉRICA e está já muito divulgado. É uma adaptação da náutica aos grandes «rinks» de patinagem. Anda-se à vela e atinge-se à vontade uma velocidade de 30 quilómetros à hora. De inverno, em dias de frio seco, pode fazer-se o mesmo desporto nas superfícies dos lagos gelados cuja espessura seja suficiente para permitir a sua prática. Este e outros desportos são, nesta época de férias, o encanto da mocidade americana que vive em permanente alegria o tempo destinado ao seu descanso.